



# A BATALHA DE PIRAJÁ: Ponto de inflexão nas lutas pela independência da Bahia

Pedro Wood Conrado

---

*A matéria foi remetida à A Defesa Nacional pelo comandante do 19º Batalhão de Caçadores (Salvador, BA), Coronel Sérgio Antonio dos Santos Lima, em reconhecimento ao trabalho apresentado pelo autor, cujas potencialidades nele se revelam, em cumprimento à missão recebida.*

*Aborda episódio da conquista da nossa independência cujo realce, injustamente, fora dos círculos acadêmicos, se restringe ao âmbito regional.*

---

## INTRODUÇÃO

O presente estudo teve origem em missão recebida do Comandante do 19º Batalhão de Caçadores – Batalhão Pirajá. Tratava-se de reconhecer o sítio histórico onde foi travada a Batalha de Pirajá.

Ao chegar ao local com alguns militares residentes na

área (hoje quase toda urbanizada), senti a necessidade de uma pesquisa histórica sobre a Batalha para, com conhecimento dos fatos, obter base teórica para o levantamento que iria empreender.

A grande dificuldade encontrada era a falta de fontes sobre o assunto, acrescida do fato de as mesmas terem sido produzi-

das por historiadores civis, que dão maior valor a fatos individuais de heroísmo que os referentes à manobra das forças em presença, mais relevantes para nós militares. Daí não ter sido possível maior detalhamento quanto à composição das Brigadas, por exemplo, ou à junção em Cabrito, se foi realizada ou não. Justo é ressaltar a grande boa vontade das funcionárias do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHB), da Biblioteca Central do Estado da Bahia e do Centro de Estudos Baianos, a quem recorri durante o trabalho.

Para fins desta apresentação, dividi o trabalho em três partes essenciais: causas; a batalha propriamente dita e consequências. Para melhor compreensão do leitor, abordei a batalha em três fases, todas elas caracterizadas no seu início e no seu final.

Finalmente, concluo o trabalho afirmando que a Batalha foi o ponto de inflexão nas lutas pela Independência na Bahia.

## CAUSAS

### A prosperidade da Província da Bahia e a intenção dos portugueses

Em 1816-17, a Bahia detinha as maiores cifras de importação e exportação da colônia, superando o Rio de Janeiro (capital)

e sendo dez vezes maior em relação a São Paulo. As províncias do norte-nordeste detinham 2/3 do movimento total do cais em toda a colônia, e a Bahia era a província mais próspera.

O Recôncavo Baiano, muito rico, era considerado o celeiro da província e responsável por grande parte do abastecimento, principalmente de gêneros alimentícios, da cidade de Salvador.

Os maiores fazendeiros da região tinham grande poder de influência, pois além de possuírem o maior poder aquisitivo dos municípios, também detinham o poder político. Com isso, podiam formar uma força militar própria, já que tinham a possibilidade, através das câmaras que controlavam, de nomear oficiais nos postos de segunda linha (milícias) ou nos postos de terceira linha (ordenanças).

Daí o grande interesse de Portugal pela província baiana, onde procurava controlar o poder político e econômico regional e, principalmente, manter tropas profissionais, experientes, bem adestradas e pagas na cidade de Salvador, em condições de receber, mediante pedido, reforços da capital (Rio de Janeiro).

### O momento político – influência e consequências na província da Bahia

A Bahia achava-se sob o



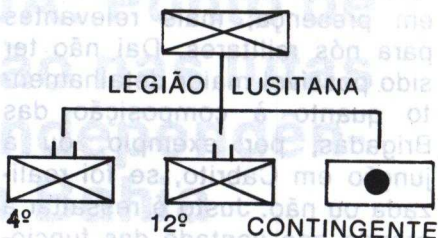
Governo do Conde de Palma. Justo e equilibrado, possuidor de uma visão política abrangente, conseguiu fazer um governo próspero e sem convulsões de qualquer ordem. Brasileiros e portugueses (estes controlando a maior parte do comércio – causa de antagonismo entre ambos) tinham interesse em manter o “status quo” na Bahia.

Em 24 de agosto de 1820, dá-se a revolução do Porto. D. João VI substitui o Conde de Palma, cujo governo foi tranqüilo e benéfico, pelo Conde de Villa-Flor, militar moço e de caráter violento, gerando descontentamento e início da fricção entre lusitanos e brasileiros.

Em 10 de fevereiro de 1821, o Regimento de Artilharia no Forte de São Pedro, sob o comando do Tenente-Coronel Manoel Pedro de Freitas Guimarães sublevou-se contra a medida da Corte. O Conde de Palma alertado, ordenou ao Marechal Felisberto Caldeira Brant Fontes, inspetor das tropas, que reprimisse o movimento rebelde, o que foi feito prontamente.

Após a revolta, foi formada uma junta de governo onde havia apenas três brasileiros. Imediatamente, essa junta, sentindo que o “status quo” poderia ser modificado, devido a diversos atos que cometera, pediu reforços de tropas, sendo imediatamente atendida. Desembarca assim, em Salvador, a Legião

Lusitana, com a seguinte composição:



D. João VI volta para Portugal, e a Junta Governativa, não reconhecendo a regência de D. Pedro I, resolve entender-se somente com o Governo da Corte. Recebidas as bases da Constituição portuguesa, ela é prontamente jurada em 25 de maio de 1821, na catedral metropolitana. A atitude da junta era de total dependência do Governo de Lisboa. Cresce ainda mais o descontentamento e, a 3 de novembro, ocorre um conflito entre o Regimento de Artilharia (brasileiro) e a Legião Lusitana.

### As mudanças de chefes políticos e militares – consequências

Em 29 de setembro de 1821, a Corte de Lisboa baixa decreto modificando os Comandos Militares, subordinando as províncias a Lisboa e ordenando a volta de D. Pedro a Portugal.

Inicia-se uma fase de extrema violência das tropas portuguesas, carregando a atmosfera



de ódios e determinando o êxodo crescente de habitantes para o Recôncavo.

Em 10 e 2 de fevereiro de 1822, realizam-se eleições, sendo eleita uma junta de brasileiros que, rapidamente, jura fidelidade ao Regente D. Pedro, sendo nomeado Comandante das Armas, o brasileiro Tenente-Coronel Manoel Pedro de Freitas Guimarães. Portugal, por sua vez, nomeia, para a mesma função, o Brigadeiro Inácio Luis Madeira de Melo. A junta não lhe dá posse e há um impasse. Finalmente chegam a um acordo: os dois serão nomeados, formando uma junta militar. Com a dualidade de comando, todas as vezes em que há conflito de ordens há motivo para tumulto entre tropas brasileiras e portuguesas. As tropas se amotinam e é nesse momento que se dá o episódio da invasão do Convento da Lapa, onde ocorre a morte da abadessa sóror Joana Angélica.

A partir desse momento, o estado de ânimo é tão irreconciliável que somente vem a resolver-se pelas armas, em 1823.

Tropas brasileiras e portuguesas entram em choque. Os brasileiros, em minoria, perdem o conflito. Há o envio de reforços para Madeira de Melo. Ocorrem grandes deserções nas tropas brasileiras e portuguesas. Os desertores vão para o Recôncavo formar o Exército Liber-

tador. Tem início a Guerra pela Independência da Bahia.

## FASES DA LUTA

Podemos dividir a luta pela Independência da Bahia em duas fases: a primeira, de organização precária, até a chegada de Labatut; a segunda, após a chegada de Labatut.

### 1ª Fase

Os militares e civis se refugiaram no Recôncavo, em engenhos e propriedades próximas a Cachoeira, São Francisco e Santo Amaro.

Foi em Cachoeira que se instalou uma Junta Governativa de Libertação. A 26 de junho, na Vila de Maragojipe, o poder da Junta foi ampliado e formado o governo militar e civil em todas as vilas do Recôncavo. Em 29 de junho, as vilas de São Francisco do Conde e de Santo Amaro aclamaram Dom Pedro I Regente Constitucional do Brasil. O Coronel de Milícias Albuquerque de Ávila Pereira, o Santinho, e Joaquim Pires de Carvalho, assumem o comando geral das tropas milicianas.

Sem unidade de comando, sem tropas experientes (a grande maioria era de voluntários), sem uma estrutura logística de apoio e sem um objetivo definido, essas tropas limitaram-se a executar pequenas ações de



guerrilha, com a finalidade de impedir o acesso a Salvador, de suprimentos vindos do Recôncavo.

A principal via de acesso ao Recôncavo era a estrada das Boiadas (ver mapa anexo A). E esta era dominada por uma elevação: Pirajá. Braz do Amaral (in: "História da Independência da Bahia") assim o descreve:

"Pirajá não é uma povoação propriamente dita, e sim, uma posição situada num alto. Este alto, por onde passa a estrada que vai da Bahia para o norte (das Boiadas) tem, de um lado, terras onduladas, cobertas de matas e onde nos baixos, entre as colinas, não faltam brejos e alagadiços, e, do outro, a encosta que leva ao mar, isto é, às praias de Ipacaranha e Periperi...

"Quem desembarca nesses pontos tem de subir sempre, a fim de galgar a estrada.

"Chegando ao cume e ficando assegurada toda ela, não só fica o Exército que a possuir em situação dominante sobre a enseada de Itapagipe, como em estado de garantir a entrada de muitos víveres frescos e gado na cidade.

"Daí a importância de Pirajá, acentuada em todas as campanhas que se tem feito em torno desta cidade, tornando-se o ponto decisivo de convergência de esforços dos combatentes, pois é o caminho que leva da

península em que está a Bahia, para todo o centro.

"Pirajá se tornou assim o alvo de atenções de todos os militares."

Nessa fase, os portugueses têm a supremacia naval local e a utilizam atacando posições de defesa estabelecidas na Ilha de Itaparica e nos pontos de Funil, São Roque, Encarnação, Iguape, Capanema, Saubara e Ponta de Nossa Senhora, tudo com a finalidade de cortar as comunicações das vias de suprimento do Exército Libertador. O Exército de Libertação resiste aos desembarques e vence as primeiras batalhas.

A situação ainda permanece crítica. Não há uma organização formal do Exército dos brasileiros, fluxo contínuo de suprimentos, unidade de comando, devido aos comandantes de unidades serem regionalistas ao extremo, e nem coordenação das ações. Mesmo assim, o Cel Joaquim Pires avançou com seu regimento e ocupou Pirajá.

## 2ª Fase

Labatut saiu do Rio com uma esquadra e trouxe consigo 38 oficiais, 260 soldados, 16 canhões, 5.000 espingardas, 500 clavinotes, 500 pistolas, 2.000 lanças e 500 sabres. Desembarcou em Alagoas e dirigiu-se para Pernambuco, onde incorporou 250 homens de linha armados e



pagos por três meses; estes sob o comando do Coronel José de Barros Falcão Lacerda.

No dia 28 de outubro, chegou à Feira do Capuame e recebeu o comando da tropa do Coronel Santinho, em Engenho Novo, onde estabeleceu seu QG (ver anexo A).

O General Labatut, veterano das Guerras Napoleônicas, tinha como principal missão dar unidade de comando às partes independentes do Exército, reafirmando o espírito de bairrismo, de que se ufanava cada chefe e que era peculiar aos diversos grupos.

Logo ao chegar, Labatut deu início à sua árdua tarefa de disciplinar, armar, equipar, reorganizar e adestrar uma força que era, na sua grande maioria, como ressaltado, composta de voluntários. Ratificou a tática empregada pelo comando anterior de cercar Salvador. Apenas redistribuiu as forças em toda a linha de cerco que ia de Cabrito a Itapoan, numa frente de, aproximadamente, 16 quilômetros.

## ORGANIZAÇÃO DO EXÉRCITO LIBERTADOR

### Efetivos em presença

Os autores são contraditórios sobre os efetivos em presença na zona de operações. O Barão do Rio Branco afirma que havia 7.409 homens, entre civis

e militares. Labatut afirma que não tinha mais de 2.000 homens para pronto emprego, nem munição para mais de um dia de fogo.

Miguel Calmon du Pin e Almeida (in: "A Batalha de Pirajá") especifica:

- 7.000 homens compreendiam os Btl rapidamente criados e enviados para toda a linha de frente;
- 1.500 homens de Cachoeira;
- 500 homens de Santo Amaro;
- 300 voluntários de Barenguer César;
- 600 do Coronel Marques Pitanga;
- 3.000 praças de Torre;
- 225 caçadores de Pernambuco;
- 400 infantes do Rio de Janeiro;
- 500 infantes do Batalhão de Vila de São Francisco;
- 70 infantes de Cachoeira;
- Pelotão (30 homens) do Alferes Faria Dutra;
- Companhia Montada de Pojuca e Vila de São Francisco;
- Batalhão Henrique Dias;
- 30 milicianos do Sargento Manoel Alves do Nascimento.

Tudo isso perfazia um total aproximado de 7.000 homens, entre combatentes, embarcadizos, agregados e doentes.

### Organização das Forças Independentes

Era a seguinte a organiza-

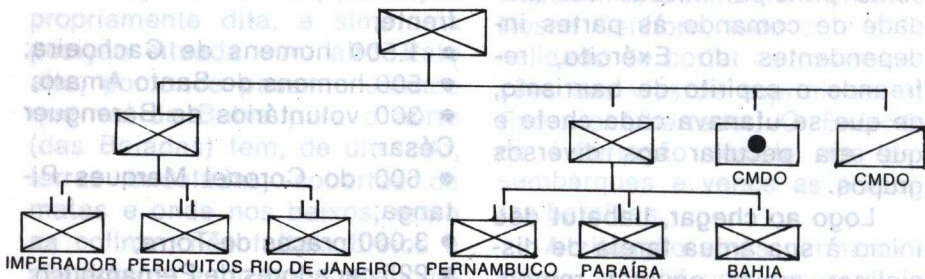
ção das forças de Labatut:

## 1ª DIVISÃO

**Localização:** Cabrito – Campinas – Pirajá

**Comandante:** Tenente-Coronel José de Barros Falcão de Lacerda.

### Organograma:

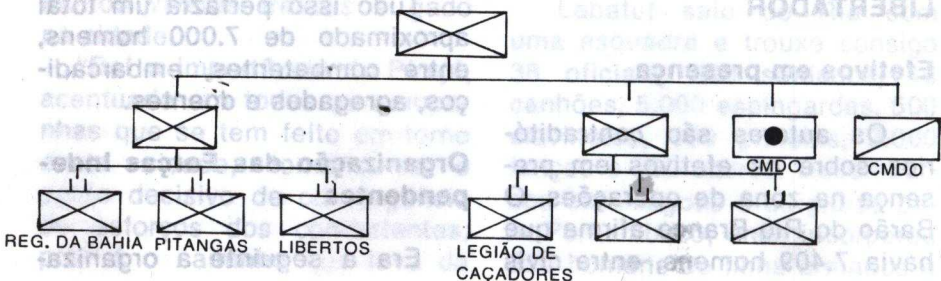


## 2ª DIVISÃO

**Localização:** Itapoan – Boca do Rio – Armações

**Comandante:** Coronel Felisberto Gomes Caldeira

### Organograma:





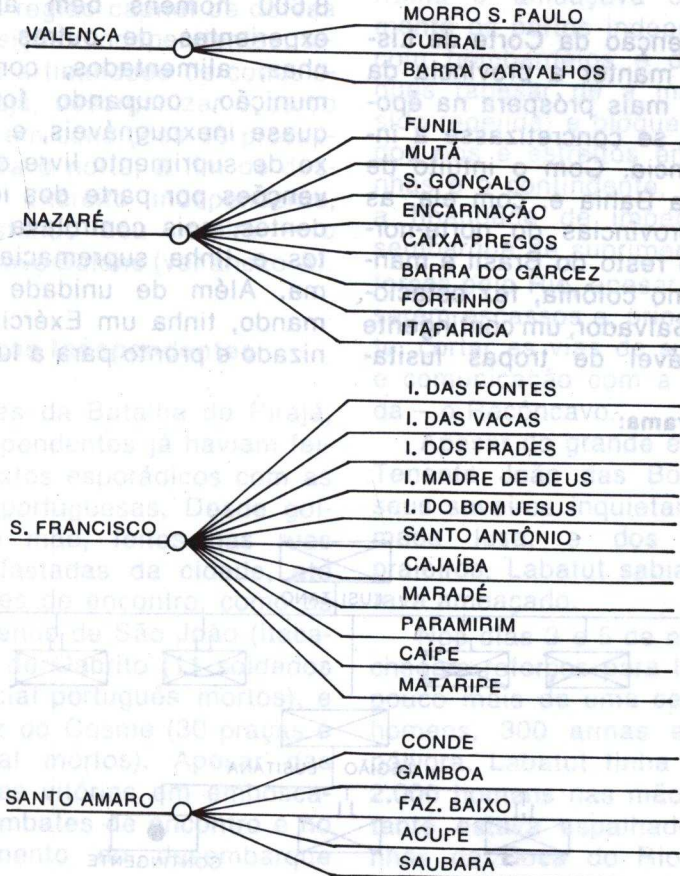
## Apoio Logístico

O apoio logístico, antes da chegada de Labatut, era falho e não tinha continuidade. Apesar de ter sob seu controle todo o Recôncavo, não havia organização no fluxo de suprimentos de todas as classes, sendo este um ponto fraco do Exército Libertador. Após a chegada de Labatut, houve maior organização na logística, inclusive com maior se-

gurança dos portos, onde a esquadra lusitana atuou intensamente, tentando cortar linhas de comunicação e suprimento. O apoio logístico era feito da seguinte maneira.

## SUPRIMENTO Classe I

Foram nomeadas comissões em Nazaré, Valença, Santo Amaro e São Francisco. Essas comissões eram encarregadas de suprir os seguintes núcleos libertários:





Havia outras comissões em Jeriquiça, Camamu, Maraú, Barra do Rio das Contas e Ilhéus.

### SUPRIMENTO CLASSE V

Havia dois arsenais, onde inclusive se fundiam canhões, localizados em Feira de Santana (recuado) e São Tomé de Paripe (avançado).

## ORGANIZAÇÃO DO EXÉRCITO PORTUGUÊS

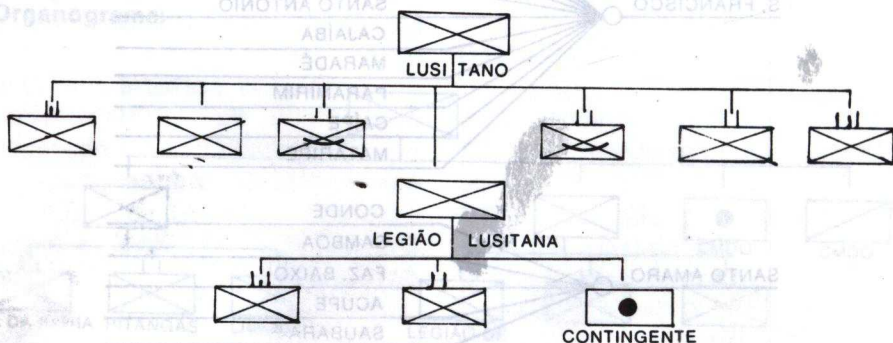
A intenção da Corte de Lisboa era manter a província da Bahia, a mais próspera na época, caso se concretizasse a independência. Com o intuito de separar a Bahia e, com ela, as outras províncias do norte-nordeste do resto do Brasil e mantê-la como colônia, fez estacionar, em Salvador, um contingente considerável de tropas lusitanas,

enviou a Legião Lusitana para reforçar a guarnição e estava em condições de prover reforço, quando solicitados pelo Governador das Armas.

Quando exonerou o Tenente-Coronel Manoel Pedro (brasileiro) e nomeou o Brigadeiro Madeira de Melo (discípulo de Wellington), a Corte Lusitana deixou claro que a província não se libertaria sem lutas.

O Brigadeiro Madeira de Melo tinha sob suas ordens 8.600 homens bem armados, experientes de outras campanhas, alimentados, com farta munição, ocupando fortalezas quase inexpugnáveis, e com eixo de suprimento livre de intervenções por parte dos independentes, pois controlava os portos e tinha supremacia marítima. Além de unidade de comando, tinha um Exército organizado e pronto para a luta.

### Organograma:



## A BATALHA DE PIRAJÁ

### Manobra pretendida pelos portugueses

A manobra pretendida pelos portugueses era um desbordoamento simples. Com uma força tarefa composta de infantes e marinheiros, além de uma esquadra de escolta, desembarcariam no flanco direito do inimigo e lançariam um ataque frontal sobre a região capital de defesa das posições independentes, tudo com a finalidade de conquistar Pirajá, desorganizar o cerco e ficar em condições de prosseguir para o norte, a fim de destruir o Exército independente, conquistando seu celeiro — o Recôncavo Baiano (ver anexo A).

### As Forças Independentes

Antes da Batalha de Pirajá, os independentes já haviam feito contatos esporádicos com as tropas portuguesas. Desde golpes de mão, feitos nas ruas mais afastadas da cidade, até combates de encontro, como os de Engenho de São João (Itacarânia), de Cabrito (11 soldados e 1 oficial português mortos), e de Cruz do Cosme (30 praças e 1 oficial mortos). Apesar das pequenas vitórias em emboscadas, combates de encontro e no impedimento do desembarque

português em portos importantes (Funil), Labatut se inquietava com a superioridade do inimigo.

No dia 31 de outubro, chegaram mais reforços ao Brigadeiro Madeira de Melo. Este há muito havia recolhido aos fortes seus postos avançados nas alturas que dominavam a cidade. O português concentrava meios, recebia reforços, apesar do erro tático de abandonar as elevações. Ele tinha supremacia marítima e ameaçava constantemente os portos independentes, com bombardeios e desembarques (apesar de a maioria ter sido repelida) e bloqueava a foz dos rios e estreitos entre as linhas e o contingente, tudo com a finalidade de impedir o desembarque de suprimentos e reforços pelo Rio, apesar de esses serem escassos e, principalmente, cortar as vias de suprimento e comunicação com a retaguarda — o Recôncavo.

Apesar do grande esforço do Tenente João das Botas, com seus saveiros inquietando a armada lusa, e dos patriotas praieiros, Labatut sabia que estava ameaçado.

Nos dias 3 e 5 de novembro, chegam reforços para Labatut — pouco mais de uma centena de homens, 300 armas e alguma pólvora. Labatut tinha cerca de 2.000 homens nas mãos. O restante estava espalhado nas linhas da Boca do Rio até Ita-



poan, e com apenas um dia de pólvora.

No dia 7 de novembro, ele envia mensageiros pedindo reforços à capital.

## **A Batalha**

Para que se possa visualizar a manobra das forças na zona de operações, é necessário que se leia o texto abaixo, observando, simultaneamente, os esboços da zona de operações correspondente a cada fase.

A fim de facilitar o entendimento, a Batalha está dividida em três fases distintas.

A Batalha de Pirajá teve a duração de 8 horas e se desenvolveu da seguinte maneira:

### **PRIMEIRA FASE**

É madrugada do dia 8 de novembro de 1822. A força tarefa já está embarcada e inicia seu deslocamento nos lanchões, comboiada por duas canhoneiras. Sua missão é desembarcar nas localidades de São Braz e Escada e fazer a junção com o grosso, em Cabrito. Comandada pelo Tenente-Coronel Joaquim Antonio de Almeida, desembarca ao amanhecer nas praias desertas das duas localidades, sem encontrar nenhuma resistência por parte dos independentes. Atravessa o Rio do Cobre, perto de uma cachoeira onde este é vadeável, e prossegue para o

Engenho do Cabrito.

Simultaneamente, duas colunas lusas iniciam seu movimento.

A da direita desloca-se pela estrada das Boiadas (Bate-Folhas, Campinas, Pirajá) e tem por missão atacar Pirajá, que é a região capital de defesa do dispositivo da 1ª Divisão e onde se localiza seu PC. A da esquerda desloca-se pela via que liga Coqueiro a Cabrito e tem por missão fazer a junção com a FT em Cabrito. Caracteriza-se, com o desembarque e deslocamento das colunas, o início da 1ª Fase.

a) Coluna Lusa da Direita

Os postos de vigilância (PV) em Bate-Folhas alertam quando avistam a coluna Lusa. O primeiro contato entre nacionais e portugueses se dá em Campinas. As forças brasileiras não resistem ao ímpeto do ataque luso e retraem, sob grande pressão, para uma zona de reunião um pouco à retaguarda, a fim de reorganizar a defesa. Nesse local, reúnem-se o 4º Batalhão de Milícias da Bahia, uma Companhia de Torre (com seus guerreiros tapuias) e o Batalhão de Vila de São Francisco, todos remanescentes do primeiro contato e comandados pelo Tenente-Ajudante Alexandre de Argolo Ferrão (comandante do Batalhão de São Francisco). A partir daí conseguem, com muito esforço, paralizar a coluna inimiga.



## b) Coluna Lusa da Esquerda

A coluna entesta com um destacamento baiano, que se vê obrigado a fazer um retraimento até a zona de reunião (Z REU) em Campinas. Prossegue, assim, a coluna rompendo sucessivas linhas de defesas brasileiras, com a finalidade de fazer a junção em Cabrito. Os três canhões brasileiros ali instalados com a finalidade de vigiar a Baía de Itapagipe, abrem pesado fogo contra os atacantes. A tropa brasileira recua até o arraial à beira da estrada. Pequenos grupos de nacionais, ultrapassados pelos lusos, atuam como guerrilheiros e conseguem parar o avanço da coluna.

O fim da 1ª Fase caracteriza-se pela paralização das colunas portuguesas nas alturas de Campinas e Cabrito.

## SEGUNDA FASE

O início da fase mais longa (durou 4 horas) e cruenta da Batalha caracteriza-se pelo recebimento de reforços portugueses.

## a) Coluna Lusa da Direita

Com novo ímpeto, graças aos reforços, a coluna rompe sucessivamente as diversas linhas de defesa brasileiras. Com uma força de valor de dois batalhões, ela é detida na altura de um arraial pelos batalhões nacionais oriundos do Rio de Ja-

neiro e Pernambuco, um contingente de Artilharia e a Companhia Montada de Pojuca. Esta última tem grande atuação nesse combate, pois inquieta e quebra a coluna lusa em diversos pontos, principalmente à retarguarda. Os portugueses impressionados com a resistência que encontram e, particularmente, com a Cavalaria de Pojuca, paralizam o movimento. A partir desse momento, os lusos têm receio de uma reserva de cavalaria que os nacionais possam possuir – experientes das Guerras Napoleônicas, eles sabem o valor de uma boa cavalaria e os resultados funestos que sua carga pode produzir no dispositivo.

## b) Coluna Lusa da Esquerda

Esta coluna, após receber reforços, envia um destacamento no valor de uma companhia menos (Cia (-)), aproximadamente 100 homens, para, através de desbordamento por Itacaranha e Periperi, tentar cortar as comunicações das tropas nacionais com Pirajá. Esse destacamento é impedido de prosseguir pelo 4º Batalhão de Infantaria da Bahia.

A coluna tem seu movimento impedido devido à intensa atuação dos pequenos grupos de tropas nacionais, que, ultrapassados, passam a atuar como guerrilheiros na retaguarda.

As tropas nacionais, após a paralização das colunas inimi-



gas, iniciam uma contra ofensiva.

Termina assim a 2ª fase, que se caracteriza pela paralização do avanço português e o início da contra-ofensiva nacional.

### TERCEIRA FASE

A terceira fase tem início com o recebimento do segundo reforço de tropas pelos portugueses. Estima-se que se lancem sobre os nacionais (1.500 homens aproximadamente) cerca de 5.000 lusos. Os brasileiros não resistem ao ímpeto do ataque português e fazem um retraimento até Pirajá. As tropas brasileiras que foram ultrapassadas reorganizam-se em pequenos grupos para, com ações de guerrilha, inquietar a retaguarda inimiga.

O Tenente-Coronel Barros Falcão, Comandante da 1ª Divisão, vê-se com apenas 400 homens (um batalhão) quase cercado por seis batalhões lusos. Mesmo assim, ainda visualiza uma saída: havia uma possibilidade de retraimento para Canguçu, pois a sua retaguarda ainda estava livre para tal. Ordena então ao Cabo-corneta Luiz Lopes que toque "retirar". O Cabo toca "cavalaria avançar" e "degolar". Miguel Calmon Du Pin e Almeida (in: "A Batalha de Pirajá") afirma que o Cabo-corneta, praça velho português que desertou para o lado brasileiro, usou o

estrategema antigo da simulação tantas vezes usado por Aníbal e Napoleão, ao perceber que os portugueses estavam impressionados com a resistência nacional e temiam uma carga de cavalaria. Seria o triunfo dos nacionais naquele instante.

Ante a confusão e a hesitação causadas pelo toque nas linhas portuguesas, o Coronel Barros Falcão comanda uma "carga de baionetas" que faz os lusos, em disparada e desorganizados, retirarem-se perseguidos pelos brasileiros até a Lapinha.

Tem fim aí a Batalha de Pirajá.

### Consequências da Batalha de Pirajá

- O Exército de Libertação sentiu, após a Batalha, a necessidade de melhorar suas posições nas elevações e de organizar um apoio logístico mais eficiente e completo.

- O português viu-se numa situação difícil após Pirajá, pois perdeu completamente a iniciativa das operações, foi batido por um inimigo claramente inferior e ficou ameaçado de conviver com a fome. A sua motivação para o combate, portanto, sofreu um sério abalo.

- O Exército Independente intensificou suas ações. Se já possuía a iniciativa das operações, estas passaram a ser mais



ousadas, organizadas e com apoio logístico compatível. A motivação para o combate cresceu muito.

Existem muitas estimativas quanto ao número de mortos e feridos no combate de Pirajá. Abaixo as apresentamos, com seus respectivos avaliadores:

Portugueses (mortos ou feridos)

- segundo Labatut = 200 mortos
- segundo Madeira = 200 mortos
- segundo Gazeta "Espelho" = 134 mortos e 221 feridos
- segundo Inácio Acioli = 80 mortos
- segundo "Idade de Ouro" = 30 feridos e poucos mortos
- segundo Cortes de Lisboa = 70 mortos e feridos
- segundo Titara (ajudante escrevente da Divisão em Pirajá) = 53 mortos de Bate-Folhas a Cruz do Largo de Pirajá, com maior número de mortos em Cabrito.
- segundo a avaliação dos Independentes, que alegam que os portugueses enterraram seus mortos quando a ação já se prolongava por três horas, a estimativa é de 230 mortos e 200 feridos.

Brasileiros (mortos ou feridos):

- mortos: 2 oficiais da Bahia
- 7 praças da Bahia
- 2 praças de Pernambuco
- 1 praça do Rio

- feridos: 13 soldados de 1ª linha e 15 civis, perfazendo um total de 12 mortos e 28 feridos.

## CONCLUSÃO

Por que foi em Pirajá o ponto de inflexão nos combates pela Independência na Bahia?

Vimos que as forças lusas estavam bem mais fortes que as brasileiras. Possuíam supremacia marítima local que lhes garantia um fluxo de suprimentos contínuo pelo mar. Estavam concentradas em fortalezas, tinham o controle da cidade e estavam bem supridas de todas as classes de suprimento da época. Eram tropas experientes, mas sua grande maioria, tendo chegado havia pouco tempo, desconheciam as causas transcendentais do conflito e, desta forma, não possuíam nenhuma ligação emocional com a terra.

Madeira de Melo cometeu diversos erros táticos, dos quais ressaltamos:

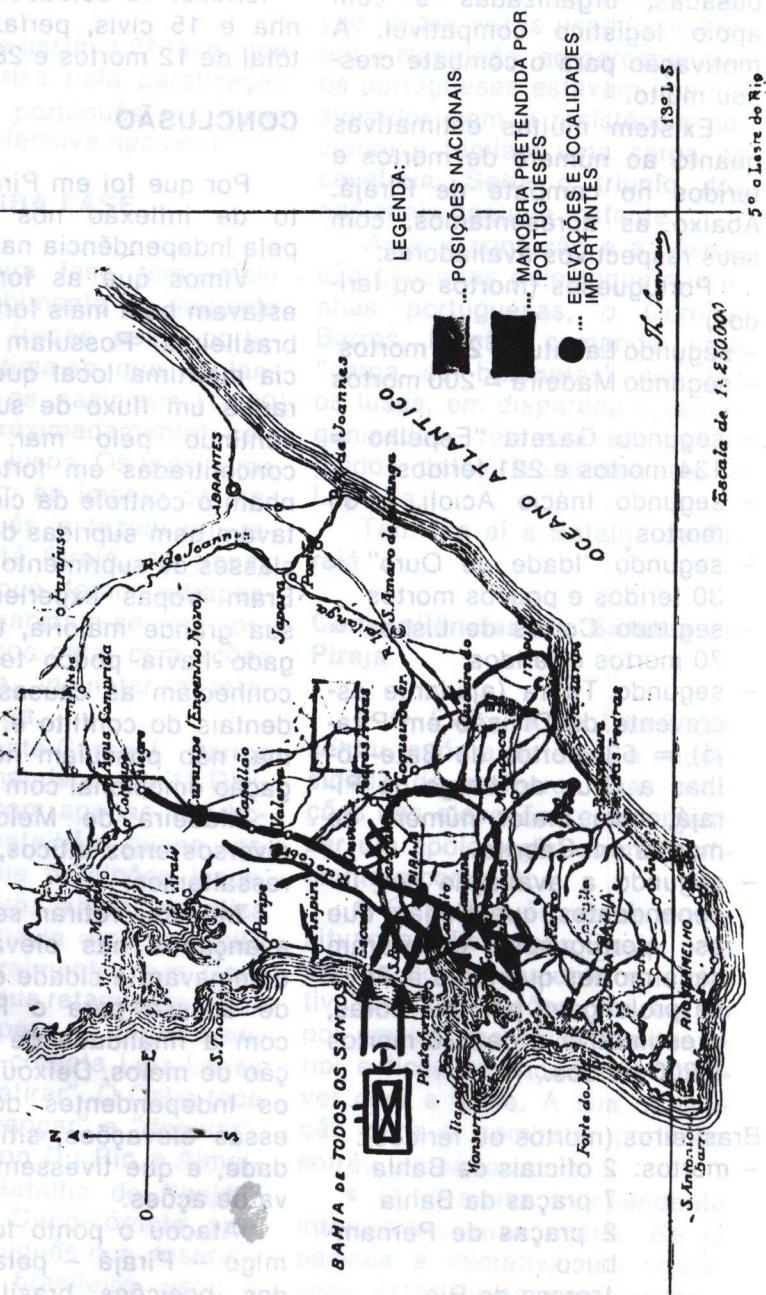
Mandou retirar seus postos avançados nas elevações que dominavam a cidade e suas vias de acesso para o Recôncavo, com a finalidade de concentração de meios. Deixou assim que os Independentes dominassem essas elevações, sitiando a cidade, e que tivessem a iniciativa de ações.

Atacou o ponto forte do inimigo - Pirajá - pela esquerda das posições brasileiras, não



# Mapa da zona da guerra da Independência na Bahia

## ANEXO A (Zona de operações, posições nacionais e manobra pretendida pelos portugueses ao trabalho A BATALHA DE PIRAJÁ)

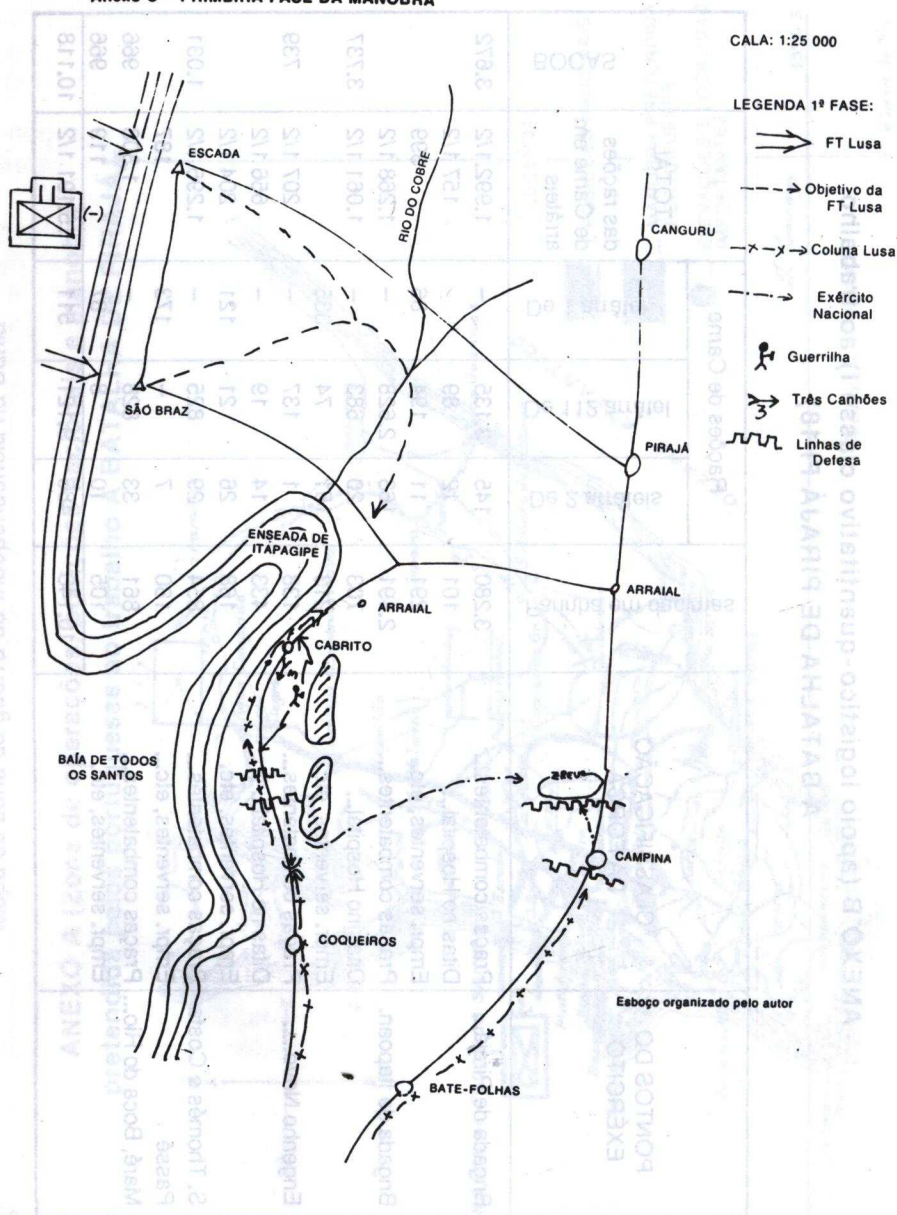


**ANEXO B (apoio logístico-quantitativo classe I) ao trabalho  
A BATALHA DE PIRAJÁ FI 18)**

PONTOS DO EXÉRCITO	CLASSIFICAÇÃO DA FORÇA	Farinha em decimas	Rações de Carne			TOTAL das rações de Carne em arráteis	BOCAS
			De 2 arráteis	De 112 arráteis	De 1 arráteis		
Brigada de Pirajá...	Praças combatentes...	3.280	145	3.135	-	1.992 1/2	3.672
	Ditas no Hospital...	101	12	89	-	157 1/2	
	Empr. serventes, etc..	291	11	194	86	399	
Brigada de Itapoan.	Praças combatentes...	2.491	163	2.628	-	1.268 1/2	
	Ditas no Hospital...	703	20	683	-	1.061 1/2	3.737
	Empr. serventes, etc.	213	151	74	335		
Engenho Novo....	Praças combatentes...	138	1	137	-	207 1/2	739
	Ditas no Hospital...	433	14	19	-	656 1/2	
	Empr. serventes, etc.	168	26	21	121	204 1/2	
S. Thomés e Costa Passé	Praças combatentes...	854	29	825	-	1.295 1/2	1.031
	Empr. serventes, etc...	180	7	-	173	187	
	Praças combatentes...	861	33	828	-	1.308	966
Maré, Boca do Rio...	Empr. serventes, etc.	105	10	8	87	119	966
		10.148	486	9.121	511	15.191 1/2	10.118

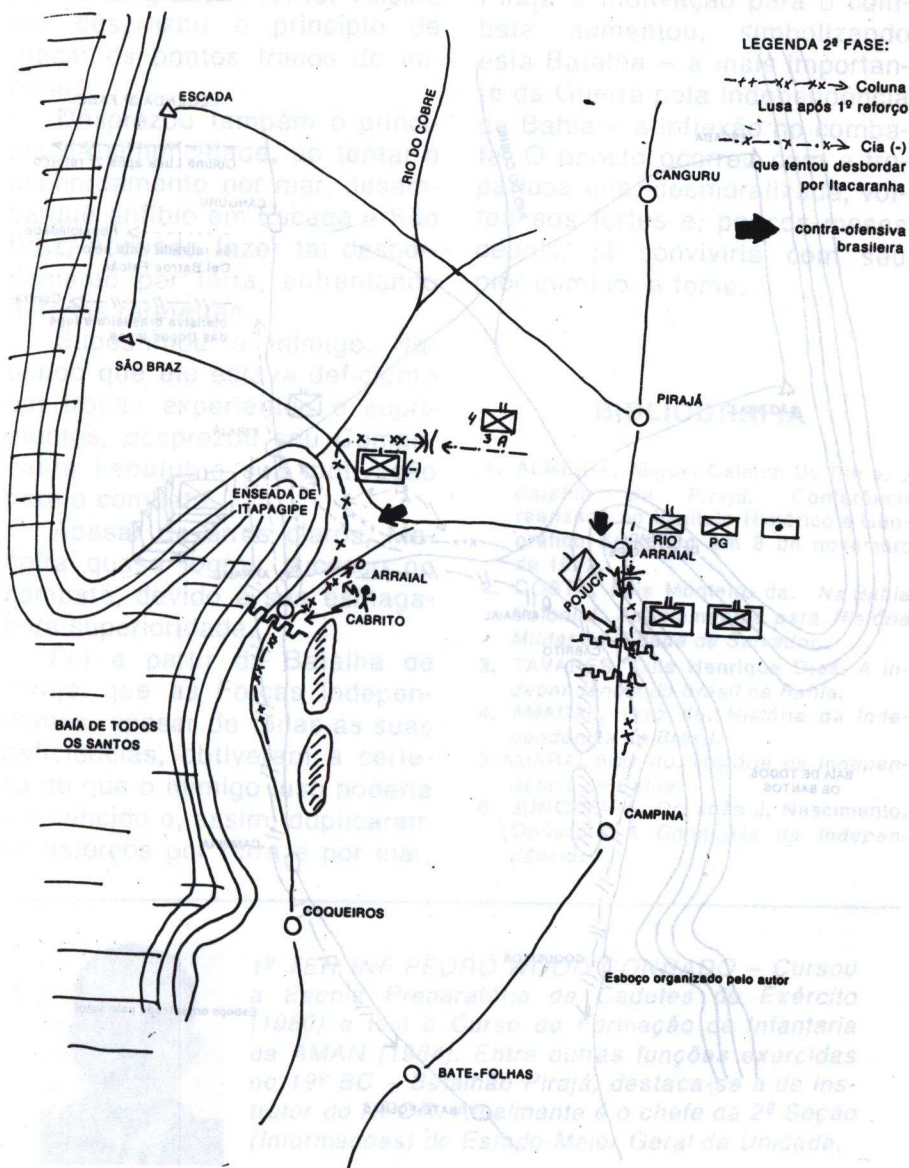


Anexo C - PRIMEIRA FASE DA MANOBRA



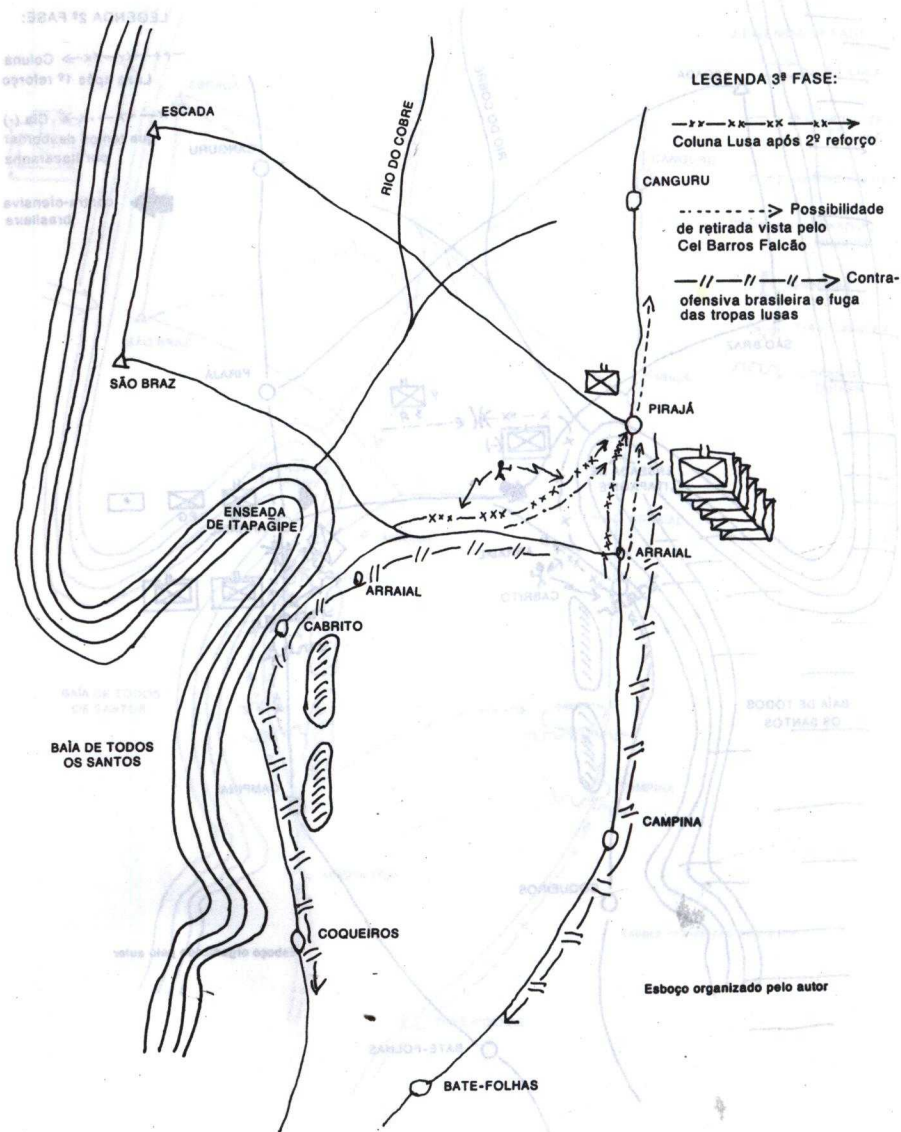
## Anexo C – SEGUNDA FASE DA MANOBRA

ESCALA: 1:25 000





ESCALA: 1:25 000



buscando a ação onde elas eram fracamente defendidas, devido à tropa estar dissolvida por uma grande frente. Assim, ele desprezou o princípio de atacar os pontos fracos do inimigo.

Desprezou também o princípio da simplicidade, ao tentar o desbordamento por mar, desembarque anfíbio em Escada e São Braz, podendo fazer tal desbordamento por terra, enfrentando defesas rarefeitas.

Subestimou o inimigo. Sabendo que ele estava deficiente em tropas experientes e suprimentos, desprezou seu Comandante Labatut e sua motivação para o combate.

Apesar de erros claros, Madeira quase logrou sucesso no combate, devido à sua esmagadora superioridade.

Foi a partir da Batalha de Pirajá, que as Forças Independentes, apesar de todas as suas deficiências, obtiveram a certeza de que o inimigo luso poderia ser vencido e, assim, duplicaram os esforços por terra e por mar,

na campanha que se prolongaria ainda por alguns meses.

Certos da vitória final, após Pirajá a motivação para o combate aumentou, simbolizando esta Batalha – a mais importante da Guerra pela Independência da Bahia – a inflexão no combate. O oposto ocorreu com a tropa lusa que, desmoralizada, voltou aos fortes e, poucos meses depois, já conviveria com seu pior inimigo: a fome.

## BIBLIOGRAFIA

1. ALMEIDA, Miguel Calmon Du Pin e. *A Batalha de Pirajá*. Conferência realizada no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro em 8 de novembro de 1922.
2. COSTA, Luis Monteiro da. *Na Bahia Colonial: Apontamentos para História Militar da Cidade de Salvador*.
3. TAVARES, Luis Henrique Dias. *A Independência do Brasil na Bahia*.
4. AMARAL, Braz do. *História da Independência do Brasil*.
5. AMARAL, Braz do. *História da Independência da Bahia*.
6. JUNQUEIRA, Dr. João J. Nascimento. *Opúsculo A Conquista da Independência*.



**1º TEN INF PEDRO WOOD CONRADO** – *Cursou a Escola Preparatória de Cadetes do Exército (1980) e tem o Curso de Formação de Infantaria da AMAN (1984). Entre outras funções exercidas no 19º BC – Batalhão Pirajá, destaca-se a de Instrutor do NPOR. Atualmente é o chefe da 2ª Seção (Informações) do Estado-Maior Geral da Unidade.*